

Carta do Prelado (março de 2007)

Carta de D. Javier Echevarría aos fiéis do Opus Dei. A propósito da Quaresma, o Prelado convida a realizar na vida pessoal “os reajustes oportunos, com otimismo, como se faz com um avião ou um barco para chegarem ao seu destino”.

10/03/2007

**Caríssimos: que Jesus guarde as
minhas filhas e os meus filhos!**

Começamos a Quaresma, um tempo litúrgico *forte*, em que a Igreja nos convida a uma nova conversão.

Todos precisamos desta mudança, isto é, de retificar o rumo da vida para alcançarmos o nosso fim último: a posse e o gozo de Deus por toda a eternidade.

No entanto, sabemos que, enquanto caminhamos na terra, podemos perder a direção ou, ao menos, desviar-nos da rota. Por isso temos de realizar os reajustes oportunos, com otimismo, como se faz com um avião ou um barco para chegarem ao seu destino.

Afirmava o queridíssimo João Paulo II que todos nós, seres humanos, por nos encontrarmos *in statu viatoris*, na condição de caminhantes que se dirigem à pátria celestial, nos encontramos também *in statu conversionis*, em estado de conversão. Daí concluía que temos

de viver em *conversão permanente*, e que este fato caracteriza profundamente a nossa peregrinação terrena (cfr. *Dives in misericordia*, 30.11.1980, n. 13). Mas, insisto, cheios de alegria e esperança porque nos espera o Senhor.

É a esta fidelidade que nos anima a Quaresma, época especialmente adequada para nos esforçarmos com maior determinação por mudar pessoalmente, porque contamos com uma graça específica neste tempo litúrgico. Meditemos numas palavras de São Josemaria: **Entramos no tempo da Quaresma: tempo de penitência, de purificação, de conversão. Não é tarefa fácil. O cristianismo não é um caminho cômodo: não basta *estar* na Igreja e deixar que os anos passem. Na nossa vida, na vida dos cristãos, a primeira conversão – esse momento único, que cada um de nós recorda, e em que se percebe**

claramente tudo o que o Senhor nos pede – é importante; mas ainda mais importantes, e mais difíceis, são as sucessivas conversões. E para facilitar o trabalho da graça divina com estas conversões sucessivas, é preciso conservar a alma jovem, invocar o Senhor, saber escutar, descobrir o que vai mal, pedir perdão (*É Cristo que passa*, n. 57).

A Paixão e a Morte do Senhor constituem o maior ato de amor, de completa entrega de si, que se realizou e se realizará na história: o Filho de Deus faz-se homem e morre para nos livrar dos nossos pecados. Por isso, nestas semanas, o Santo Padre nos convida a dirigir *o nosso olhar com uma atenção mais viva [...] a Cristo crucificado, que, morrendo no Calvário, nos revelou plenamente o amor de Deus (Mensagem para a Quaresma de 2007, 21.11.2006).*

Essa mesma recomendação saía frequentemente dos lábios de São Josemaria. Quantas vezes nos animava a tomar o crucifixo nas mãos e a pôr-nos valentemente diante do Senhor, para ouvir o que nos quisesse dizer lá da Cruz! Meditemos, por exemplo, naquelas suas palavras: **Amo tanto Cristo na Cruz, que cada crucifixo é como uma censura carinhosa do meu Deus: – Eu sofrendo, e tu... covarde. Eu amando-te, e tu... esquecendo-me. Eu pedindo-te, e tu... negando-me. Eu, aqui, com gesto de Sacerdote Eterno, padecendo quanto é possível por amor de ti, e tu... te queixas ante a menor incompreensão, ante a menor humilhação...** (*Via Sacra*, XI estação, ponto 2). Eu o vi beijar o Senhor crucificado com verdadeiro amor e com fomes de reparação.

Se durante este dias nos situarmos com total sinceridade diante de Cristo crucificado, não tardaremos a descobrir os detalhes concretos nos quais Ele espera que melhoremos. Porque os afãs de santidade não devem ficar em veleidades, em desejos inoperantes, mas hão de traduzir-se em propósitos concretos, numa luta interior bem determinada.

Haverá ocasiões em que talvez descubramos a necessidade de dar uma guinada radical à na nossa conduta. Em outras – e serão as mais frequentes –, tratar-se-á de melhorarmos em pontos que nunca são pequenos, se é o amor que nos move.

Em qualquer caso, não nos esqueçamos de que – como afirma o Papa Bento XVI – *esta conversão do coração é acima de tudo um dom gratuito de Deus [...]. Por isso, Ele*

mesmo previne com a sua graça o nosso desejo e acompanha os nossos esforços de conversão. E o Papa acrescenta: O que é na realidade converter-se? Converter-se quer dizer procurar a Deus, caminhar com Deus, seguir docilmente os ensinamentos do seu Filho, Jesus Cristo. Converter-se não é um esforço por auto-realizar-se, porque o ser humano não é o arquiteto do seu destino eterno [...]. A conversão consiste em aceitar livremente e com amor que dependemos totalmente de Deus, nosso verdadeiro Criador, que dependemos do Amor. Na verdade, não se trata de dependência, mas de liberdade (Discurso na audiência geral, 21.2.2007, Quarta-feira de Cinzas).

Em cada uma destas mudanças, entram em jogo o chamado de Deus e a liberdade humana. Deus – o Amor por essência – entregou-se liberrimamente a cada um de nós em

Jesus Cristo, e espera que nós nos abramos ao seu Amor. *Na Cruz, o próprio Deus mendiga o amor da sua criatura: Ele tem sede do amor de cada um de nós* (Mensagem para a Quaresma de 2007, 21.11.2006), escreveu o Santo Padre, pondo de manifesto como na figura de Cristo pregado na Cruz se fundem os dois aspectos da *caritas*: o amor de doação e o amor de posse.

Mais ainda: *A revelação do eros de Deus para com o homem* (o seu grande desejo de ser amado por nós) *é, na realidade, a suprema expressão do seu ágape* (a sua doação absoluta e incondicional). *Na verdade, só o amor em que se unem o dom gratuito de si mesmo e o desejo apaixonado de reciprocidade infunde um júbilo tão intenso que converte em leves mesmo os sacrifícios mais duros* (Ibid.).

Nestas palavras da sua mensagem quaresmal, Bento XVI oferece aos

cristãos uma luz que nos pode ajudar muito durante estas semanas que desembocam na Páscoa. Procuremos aproveitá-la. Perguntemo-nos como é que correspondemos pessoalmente, todos os dias, de modo concreto e eficaz, ao imenso e infinito amor de Deus por cada um de nós.

As práticas próprias deste tempo litúrgico – oração, penitência, obras de caridade – podem servir de veículo para os nossos afãs de conversão. Como é que nos vamos preparando para o Tríduo Pascal, com ânsias santas de estar com Cristo, de padecer com Cristo, de nos darmos com Cristo? Ele assim o quer, e também na sua Paixão nos pede que o acompanhemos.

Talvez possamos cuidar com mais carinho de alguma norma de piedade (da oração, da Santa Missa, da recitação do terço). Talvez possamos aumentar o oferecimento dos

pequenos sacrifícios em que se manifesta o espírito de penitência: por exemplo, cumprindo com a maior perfeição possível, em algum aspecto que nos custe mais, a tarefa que nos ocupa; acolhendo de bom grado todo aquele que nos procure em busca de um conselho ou de uma ajuda; esmerando-nos em servir as pessoas com quem nos relacionamos mais de perto; pondo na comida e na bebida o *ingrediente* de uma pequena mortificação, que nos ajude a viver esses momentos na presença de Deus. São Josemaria costumava recomendar uma que está ao alcance de todos: **comer um pouquinho mais daquilo que nos apetece menos, e um pouquinho menos daquilo que nos apetece mais.** Minhas filhas e meus filhos, temos muito presente que não existe cristianismo, vida pessoal cristã, sem Cruz? Preside aos teus dias o amor à Cruz?

A oração e a mortificação são colunas sobre as quais se edifica a conduta do cristão. Por isso, ao encaminharmos por esta senda o desejo de uma nova conversão, encontraremos maneiras muito diversas de melhorar na prática da caridade fraterna: desde a ajuda material aos que dela precisem, até o conselho capaz de abrir a outras pessoas horizontes novos na luta por serem bons cristãos. Neste sentido, não esqueçamos a importância do apostolado da Confissão: intensifiquemo-lo nesta Quaresma, para que sejam muitas as pessoas que cheguem às festas pascais depois de terem recorrido, bem preparadas, ao sacramento da misericórdia divina.

Transmito-vos mais um conselho, secundando o que o Santo Padre manifestava na Quarta-feira de Cinzas: esmeremo-nos em cultivar um *intenso espírito de recolhimento e*

reflexão (*Discurso* na audiência geral de 21.2.2007, Quarta-feira de Cinzas). Com efeito, este é o clima em que amadurecem as verdadeiras conversões. Por isso, procuremos aumentar a presença de Deus ao longo do dia, servindo-nos talvez de alguma jaculatória particularmente adequada às nossas circunstâncias individuais; a liturgia oferece-nos muitas durante estes dias. E ponhamos esforço no exame de consciência diário. Esses minutos de reflexão, cada qual a sós com Deus, constituem um excelente ponto de arranque, como que uma mola que nos deve levar – com as luzes e as forças que o Senhor nos conceda – a uma mudança séria no dia seguinte.

Com todo o carinho, abençoa-vos

o vosso Padre

† Javier

Roma, 1 de março de 2007.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
dev.opusdei.org/pt-br/article/carta-do-
prelado-marco-de-2007/](https://dev.opusdei.org/pt-br/article/carta-do-prelado-marco-de-2007/) (11/08/2025)